O davidismo camponês

INTRODUÇÃO

Se diz, com razão, que o governo de Judá que melhor expressou os anseios e pensamentos do povo da terra foi o do rei Josias. Foi o povo da terra que o colocou como rei ainda aos 8 anos (2Rs 21,24). E ele permaneceu fiel a esse grupo durante todo o seu governo.

Mas não é por acaso que este rei, tão comprometido com esse povo, é também considerado um 'segundo' Davi. Esta avaliação deve-se a dois fatores. O primeiro é o sucesso de seu governo. O outro é que Josias seguiu as linhas da teologia e política do davidismo.

Assim podemos fazer uma conexão entre as práticas do povo da terra e o davidismo, ao menos em alguns aspectos. Esta conexão pode ser feita principalmente com aspectos do davidismo primitivo, despido de reinterpretações que foram feitas para legitimar reis distantes dessa tradição. Conhecendo o davidismo original – o quanto possível – estaremos conhecendo as raízes da teologia e da ideologia do povo da terra.

1. O DAVIDISMO SURGE ANTES DE DAVI

Nenhum rei de Judá ou Israel exerceu fascínio igual ao do rei Davi. Ele, que por 33 anos reinou sobre Israel e Judá (se a informação de 2Sm 5,5 estiver correta), tendo antes reinado 7 anos apenas sobre o reino do sul, conquistou posição ímpar na história da Palestina.

Porém não se pode creditar tal posição apenas às qualidades pessoais do rei belemita. Existia em Judá, antes do nascimento de Davi, uma expectativa utópica que não só favoreceu, mas foi a causa principal da ascensão da figura carismática do filho de Jessé.

Como teria surgido essa expectativa? Qual ou quais as suas causas? As respostas a estas perguntas devem começar a ser respondidas na origem e formação de Judá.

2. A ORIGEM DE JUDÁ

Quando tratamos de "Judá", em especial referindo-se à época pré-monárquica, nos deparamos com um termo ambíguo, com dois significados diferentes: 1) a pequena tribo de Judá, estabelecida entre o sul de Jerusalém e o norte de Hebron; e 2) a grande Judá, que se organizou nas montanhas da Palestina, incluindo a pequena Judá e outros grupos até a fronteira do Negeb.

Como a pequena tribo de Judá junto com outros grupos formaram a "grande Judá"? O que dissermos não passa de hipótese baseada no atual estágio da pesquisa histórica.

Com o declínio do poder centralizador dos reis das cidades cananitas entre os séculos 14 e 13 aC, as vilas de camponeses conseguiram libertar-se do seu jugo pesado. Livres, estabeleceram aliança com grupos de *hapiru* fugitivos que habitavam as regiões montanhosas fora do alcance dos exércitos das cidades.

Gn 34 é uma etiologia que apresenta a expansão da pequena Judá desde as montanhas para os vales litorâneos, pela aliança e incorporação de clãs cananitas. Esta etiologia aparece na forma da estória dos filhos de Judá e Tamar. Além desses, deve-se pensar que Judá incorporou também parte da tribo de Dã, que não migrou, e parte da tribo vizinha de Benjamim.

Também chegaram, vindos do sul, grupos (calebitas e otonielitas) que invadiram, destruíram e reconstruíram algumas cidades como Hebron (Js 14,6-14), Dabir (Jz 1,11-15), etc. Outros grupos também vieram e trouxeram contribuições, como os levitas (trouxeram o javismo) e quenitas (trabalho em metais).

Num último momento, grupos de pastores seminômades estabeleceram-se em cidades e vilas, sedentarizando-se.

A grande Judá foi o encontro de pastores, lavradores, *hapiru*, marginalizados e fugitivos das cidades e do seu sistema opressor. Eram estes judaítas, calebitas, levitas, simeonitas e outros.

Todos eram produto de uma cultura agropastoril, fugindo do sistema urbano de exploração, dos reis cananitas, do faraó e seus exércitos. Tinham em comum o fato de agora habitarem em uma mesma região, cercada e pressionada por inimigos externos. Nesta situação floresceu uma sociedade e cultura que deram origem juntamente ao messianismo e à monarquia davídica.

3. A BASE AGREGADORA: A ALIANÇA

Se Judá se formou a partir deste mosaico de diferentes grupos e tradições, pergunta-se: o que agregou esses grupos, a fim de que formassem um só povo? Teria sido a figura de um grande líder, ou um templo com forte ideologia religiosa? Ou teria sido outra instituição?

3.1. Não houve juiz em Judá

Uma característica desse período em Israel (norte) é o eventual surgimento dos "juízes". Foram líderes, cujos feitos serviram para unir o povo em torno de si.

Otoniel, ligado a Judá, é apresentado como o primeiro juiz (Jz 3,7-11). Este texto, embora baseado em tradição histórica, não pode ser contextualizado na "época dos juízes", mas antes, no período de assentamento na terra ou posteriormente. Ainda existe Abesã de Belém. Porém é incerto localizar esta Belém como uma cidade de Judá.

A redação posterior esquematizou os juízes segundo as doze tribos. Para isso foi necessário "arrumar" um juiz para Judá. Judá não teve um líder carismático que unisse o povo em torno de sua pessoa.

3.2. Judá não teve templo

As tribos do norte tiveram seus templos estabelecidos em lugares sagrados como Betel, Guilgal, Siquém, Dã e outros, que funcionaram como centros agregadores do povo.

Em Judá apenas dois lugares de culto tinham importância, e mesmo assim relativa: Mambré, próximo a Hebron (Gn 13,18); e Bersabéia, que está ligada à figura dos patriarcas como lugar de teofania, culto e aliança com Abimelec (Gn 21,22-31; 26,23-33; 46,1-4). Mesmo sendo lugares de culto, não eram templos significativos, e sua importância não ultrapassava os limites locais.

Judá não contou com um centro cultual que exercesse a função de ser o agente agregador dos povos e das culturas sob uma ideologia religiosa única.

3.3. Judá teve aliança

A aliança era o tratado entre duas partes similares ou não, na qual cada parte assumia obrigações e recebia promessas da outra. Em Judá (e em Israel junto a outros fatores) a aliança foi o que estabeleceu laços de solidariedade entre diversos grupos sociais preexistentes.

O tema da aliança é importante nas tradições patriarcais, especialmente em Abraão. E sabemos que as tradições do patriarca Abraão estão relacionadas à cultura agropastoril e ao sul, Judá. Ele faz aliança com: a) Mambré, Escol e Aner (Gn 14,13); b) Javé (Gn 15,18); c) El Shaddai (Gn 17); d) Abimelec (Gn 21,27.32). Assim estão integrados 4 membros da aliança: pastores (Abraão), agricultores (Mambré, Escol e Aner), Deus (Yahweh, El Shaddai) e cidade (Abimelec).

A aliança foi a ação pela qual grupos agropastoris independentes criaram vínculos sociais, econômicos, políticos, legais e religiosos reciprocamente. Foi a aliança como ação sociopolítica entre pastores, lavradores, *hapiru* e outros, que produziu a interação de grupos estruturalmente semelhantes entre si, dando origem à grande Judá.

3.4. As ameaças externas

Judá estava cercado por inimigos mais fortes que ele. Ao norte estavam Jerusalém e Israel. Este formou um estado antes de Judá. A leste estava o sempre inimigo Edom, que, provavelmente, só era detido pelas altas e íngremes montanhas e pelo vale do Mar Morto. A oeste estavam os poderosos guerreiros filisteus e, ao sul, ficava um inimigo natural: o deserto.

O poderio de seus vizinhos trazia insegurança à situação interna de Judá. Principalmente os filisteus, mas também Edom, e até Israel, ameaçavam a segurança dos judaítas e de suas plantações (1Sm 23,1-14).

A reação natural de qualquer grupo social que recebe pressão externa é o fortalecimento dos laços internos de coesão. Com Judá não teria sido diferente. Judá fortaleceu sua aliança interna em decorrência das pressões externas que sofria. Assim surge um centro urbano agregador da cultura social, política e econômica agrária de Judá: Hebron.

3.5. Hebron, o centro da aliança

Hebron situava-se em uma posição singularmente privilegiada, como nenhuma outra cidade de Judá. Estava na rota norte-sul que acompanhava o divisor das águas das montanhas palestinenses. Nesta mesma rota estavam outras importantes cidades como Jerusalém, Gibeá, Betel, Silo, Siquém, etc. Hebron igualmente estava na região mais alta e central de Judá. Esta localização favorecia o fluxo de gente e de produtos, e a defesa.

Sua posição geográfica era favorável para o desenvolvimento do comércio (ainda que este fosse muito pequeno na época) e para os encontros entre os grupos. Hebron funcionou como centro de atração e comércio dos produtos do campesinato e do pastoreio. Em conseqüência, desempenhou também o papel de centro agregador dos diversos grupos componentes de Judá. Foi onde se encontraram e se aliaram judaítas, simeonitas, levitas e outros, através da aliança social e comercial.

Como resultado de sua importância econômica e social, Hebron tornou-se o centro político de Judá. Mostra-o o fato de Davi ter instalado ali sua capital antes de Jerusalém, e de ali terem ocorrido importantes fatos políticos da aliança entre Judá e Israel.

4. JUDÁ: SOCIEDADE CAMPONESA

Judá era basicamente uma sociedade camponesa. Seus grupos formativos principais eram constituídos por lavradores e pastores. Não havia uma classe de governantes ou guerreiros que também não fossem trabalhadores do campo. Provavelmente havia uns poucos comerciantes. A sociedade judaíta era resultado da aliança entre três grupos: a cidade, agricultores e pastores. Estes dois últimos impunham um caráter camponês à cultura da sociedade.

Mesmo Hebron, como centro urbano agregador, não tinha atração suficiente para alterar a cultura basicamente agrária. É até mais fácil pensar em Hebron como uma cidade com cultura sociopolítica agropastoril, do que imaginar que ela tivesse poder para impor uma cultura urbana aos grupos camponeses.

Entre os camponeses havia a distinção entre os grandes e os pequenos proprietários, e os que nem terra tinham. Também dintinguiam-se os que dominavam e os que não dominavam as novas tecnologias do final da Idade do Bronze e início da Idade do Ferro. Mas eram diferenças internas de uma sociedade camponesa.

Os pastores têm uma participação importante na tradição bíblica. Os patriarcas e Davi eram pastores. Eles tinham com os agricultores uma integração

sócio-econômica, a transumância. Entre eles também surgem diferenciações, quando alguns sedentarizam-se e outros permanecem seminômades.

Essas diferenças fizeram surgir grupos de marginalizados, empobrecidos, como os que se juntaram a Davi quando de sua fuga para o deserto (1Sm 22,1-2).

A sociedade camponesa judaíta era descentralizada, estruturada por laços de parentesco fictícios (forjados na aliança), cuja base era a casa. A estruturação social por laços de parentesco, sejam eles reais ou fictícios, é sempre muito frágil, constantemente sujeita a rupturas.

A resultante do agrupamento que redundou em Judá provocou a fusão das tradições dos grupos que foram incorporados. Assim, Judá incorporou as tradições dos diversos grupos que a formaram. Entre estas estavam as tradições danitas e benjaminitas de dois líderes carismáticos: Sansão e Josué.

As tensões internas e externas aliadas ao tipo de sociedade, de tradição e de religião produziram uma utopia de caráter messiânico que foi essencial para o surgimento da monarquia em Judá.

5. CARACTERÍSTICAS DA UTOPIA CAMPONESA JUDAÍTA

A utopia judaíta apresenta uma série de características que foram fruto da aliança entre os diversos grupos. Estas características estão expressas em Gn 49,8-12, que é um texto pré-monárquico resultante da intersecção entre diversas tradições. As características são entre outras:

a) Expectativa de integração definitiva dos grupos judaítas

Lemos em Gn 49,8 o desejo de que os "irmãos" de Judá o exaltassem e se inclinassem a ele. Claramente isso significa a supremacia de Judá sobre seus iguais. Tendo em vista que não existia uma aliança entre Judá e Israel nesta época, esses iguais são os grupos formativos de Judá: calebitas, otonielitas, levitas, etc. Assim, havia a expectativa de integração dos diversos grupos em torno da pequena tribo de Judá.

b) Desejo de domínio sobre inimigos

Se havia desejo de integração dos "irmãos", a respeito dos inimigos esperava-se pelo domínio com mão forte: "Tua mão está na nuca de teus inimigos" (Gn 49,8b). Este domínio ainda se caracterizava pela posse da presa (Gn 49,9), ou seja, a conquista do espólio dos povos vizinhos.

c) A espera pela vinda de um grande líder

A expectativa utópica judaíta vem a ser messiânica, entre outras coisas, porque esperava pela vinda de um grande líder que conduzisse o povo para a conquista de seus anseios coletivos. Em Gn 49,10 lemos: "Não se afastará o cetro de Judá, nem o bastão de comando de entre seus pés até que venha *siló*, e a ele a obediência dos povos". Apesar da conhecida dificuldade deste texto, ele mostra a espera por uma figura messiânica, expressa na palavra *'siló'*, de significado discutível. Mas o contexto deixa claro que se trata de uma pessoa, a quem os povos obedecerão.

d) Prosperidade agropastoril

Os v. 11-12, que são bênçãos de fertilidade agrária, apresentam o desejo dos camponeses e pastores de poderem gozar do produto de seu trabalho sem ter a necessidade de reparti-lo com os vizinhos saqueadores ou com governantes espoliadores. Sem isso, a produção não seria apenas suficiente, mas abundante.

6. DAVI: O QUE CORRESPONDE ÀS EXPECTATIVAS

A ascensão de Davi desperta no povo do sul a confiança de ver cumpridas as suas antigas aspirações. A origem de Davi é sabidamente camponesa. Ele era belemita e em torno de si existe uma forte tradição segundo a qual ele seria pastor antes de ir para a corte de Saul (1Sm 16,11; 2Sm 7,8). Dentre as estórias de sua origem, a que mais acentua o caráter de "eleito de Javé" é a que o situa no pastoreio, quando Samuel é enviado por Javé para ungi-lo (2Sm 16,1-13).

Quando foge de Saul, indo para o deserto, ajunta-se ao seu redor um grupo de miseráveis e deserdados, de origem camponesa (1Sm 22,1-2). Eles formam o grupo com o qual Davi organiza o seu exército mercenário e que o acompanhará até o final de sua vida.

Davi se torna o seu *'nagid'*, seu chefe (2Sm 6,21), o primeiro líder carismático e guerreiro de Judá. Com eles, não apenas se defende de Saul, mas saqueia os inimigos e reparte os despojos com os judaítas (1Sm 30).

Quando é feito rei de Judá, não por acaso instala seu governo em Hebron (2Sm 2,1-4), centro da aliança tribal, agregador da vida de judaíta.

A sua morte não põe fim a esta utopia, mas deixa-a latente no ideal de grupos do povo; entre esses grupos estava o povo da terra. Em algumas situações esta utopia era revivida, como no caso de Josias.

7. LIÇÕES QUE FICAM

Alguns aspectos de caráter mais prático para nós ficam deste estudo.

O primeiro tem a ver com integração entre diferentes grupos. Esta aliança entre grupos está na origem mesma de uma nova utopia. Agricultores, pastores e cidadãos sonharam em conjunto. E foi isso que possibilitou que esse sonho se tornasse realidade, ao menos em certos momentos. Porque, quando se sonha só, é só mais um sonho; mas quando se sonha em conjunto, começamos a criar a realidade. Assim as nossas utopias devem ser integradoras de grupos diferentes e não excludentes.

Outro aspecto que podemos lembrar é que, da mesma forma que a utopia davídica não se acabou com a morte de Davi, não morre nem se mata a utopia de um povo. Ela pode permanecer encoberta, até sufocada, mas fica latente, aflorando tempos depois, transformando-se em ação, dirigindo a história de acordo com as esperanças populares.

A existência de uma expectativa, na qual se formou Davi, vem nos lembrar ainda que não são os governantes que fazem o povo, mas o povo – e suas experiências e seus desejos – é que faz os governantes.

CONCLUSÃO

Antes que surgisse Davi no cenário histórico de Judá e Israel, existia no campesinato judaíta, aquele que mais tarde virá a ser conhecido sob a sigla de "povo da terra", uma expectativa pela vinda de um líder que os conduzisse a uma nova vida, sintetizada em Gn 49,8-12. Essa expectativa utópica era conseqüência da história e da situação sociopolítica e econômica de Judá desde o seu surgimento nas montanhas da Palestina ao sul de Jerusalém.

Davi surgiu com a grande qualidade de responder a estas expectativas, conduzindo Judá – e Israel – ao período econômica e politicamente mais criativo de toda a sua história.

Mas, mesmo que após a sua morte e a de Salomão o estado tenha ruído, as esperanças messiânicas não cessaram. Elas retornaram à condição de expectativa, de utopia de grupos do povo, sendo que em algumas ocasiões a expectativa se transformava em ação e fato histórico. Davi se tornou o modelo de rei para Judá e Israel (1Rs 14,8) e até um paradigma do rei messiânico (Is 11; Ez 34,23-31).

E assim as esperanças camponesas tornam-se critério para avaliação dos reis.

BIBLIOGRAFIA

DE VAUX, Roland. *Historia Antigua de Israel II. Asentamiento en Canaán y Período de los Jueces.* Madri, Ediciones Cristiandad, 1975.

GOTTWALD, Norman K. *As Tribos de Iahweh. Uma Sociologia da Religião de Israel Liberto 1250-1050 aC.* São Paulo, Edições Paulinas, 1986.

HERRMANN, Siegfried. *Historia de Israel en la Época del Antiguo Testamento.* Salamanca, Ediciones Sígueme, 1985.

PIXLEY, Jorge. *História de Israel a partir dos Pobres.* Petrópolis, Editora Vozes, 1990.

SCHWANTES, Milton. *História de Israel (Local e Origens).* São Leopoldo, Faculdade de Teologia, 1984.

SCHWANTES, Milton. *O Estado Monárquico nas Montanhas Palestinenses no final do 11º Século aC.* Texto não publicado, 1989.

SCHWANTES, Milton. Esperanças Messiânicas e Davídicas. In: *Estudos Bíblicos*, n. 23, Petrópolis, Editora Vozes, 1989, p. 18-29.

Marcos Paulo Bailão
Caixa postal 113
Espírito Santo do Pinhal – SP
13990-970

Prov. do Paraná e Sta. Catarina
BIBLIOTECA CENTRAL
FREIS CAPUCHINHOS